

Cláudio Eduardo Rodrigues

Universidade do Estado de Minas Gerais

rodridu@uber.com.br

HUME, David. *Ensaaios morais, políticos e literários*. Tradução de Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004. 850 p.

Passados três anos da publicação, pela Editora da Unesp, da edição brasileira do *Tratado da natureza humana*, preparada por Débora Danowisk, o público e, especialmente, os estudiosos da filosofia de David Hume agora também podem usufruir de uma boa tradução dos *Ensaaios morais, políticos e literários*.

Parte desses ensaios já são conhecidos do público brasileiro através da Coleção Os Pensadores, numa seleção e versão feita por João Paulo Monteiro e Armando Mora D'Oliveira, o que, contudo, pelas limitações, já pode ser complementado e confrontado por esta edição brasileira dos *Ensaaios*, preparada por Luciano Trigo – renomado jornalista, escritor e crítico –, e que conta com uma excelente introdução, redigida por Renato Lessa.

David Hume, autor dos *Ensaaios morais, políticos e literários*, nasceu em Edimburgo (Escócia), em 1711, e explicitou os primeiros princípios de sua filosofia aos 27 anos de idade, quando tornou público, em 1738, o *Tratado da natureza humana* – livro que escrevera na França durante seus estudos realizados no Colégio La Flèche. Sua filosofia está fortemente marcada pela tentativa de introdução do método experimental de raciocínio nos assuntos morais, o que o levou a concluir que todo saber e comportamento decorrem de

crenças sustentadas na observação de eventos que se manifestam de forma regular e uniforme e que, pelo hábito de vê-los sucederem-se, permitem fazer inferências acerca de seus movimentos. Nessa mesma perspectiva empirista, Hume tornou-se conhecido como historiador, literato e, principalmente, como o filósofo que conduziu o empirismo às últimas conseqüências pelo seu ceticismo e pelos questionamentos acerca da indução e dos fundamentos das ciências.

A redação e a publicação do seu primeiro escrito juvenil tinham objetivos claros e arrojados – para não se dizer presunçosos – e voltava-se para a garantia de sua independência e seu lançamento definitivo no cenário literário, pela demonstração de seus talentos. No entanto, como diz Hume em sua *Autobiografia*, “nasceu morto da gráfica, sem alcançar qualquer distinção, sem despertar sequer um murmúrio entre os zelotes”.

Diante da dura realidade do fracasso e da frustração com a publicação do *Tratado*, Hume viu-se obrigado a auto-avaliar-se. Nesse sentido, percebeu o tamanho de sua vaidade e indiscrição, de modo que se tornou mais atento ao gosto literário dos ingleses e às exigências concretas para a realização de sua vida acadêmica. Os resultados dessa postura foram a mudança de estilo literário, em sua abordagem filosófica dos assuntos humanos, e a redação da primeira parte dos *Ensaios morais, políticos e literários*, publicados em 1742. Decorridos dez anos, em 1752, disponibilizou outra parte de seus ensaios com o título de *Discursos políticos*.

A mudança nos rumos da vida literária de Hume e a redação de *Ensaios* tornaram-no conhecido, assim como sua filosofia, favorecendo-lhe o reconhecimento e a fama literária tão desejados. Essas conquistas estimularam-no a uma revisão e adaptação das principais teses do *Tratado*, que foram publicadas em duas outras obras, a saber: *Investigações sobre o entendimento humano*, em 1748, e as *Investigações sobre os princípios da moral*, em 1751.

Voltando aos *Ensaios morais, políticos e literários*, muitas foram as alterações que Hume realizou neles, ora acrescentando, ora retirando alguns textos, conforme as diversas edições realizadas entre

1742 e 1776, quando, já moribundo, promoveu as últimas revisões e ajustes. Assim, em 1777, foi publicada a versão póstuma da obra que tanto fizera conhecida a filosofia de Hume.

Quanto a esta edição organizada por Eugene F. Miller – professor de Ciências Políticas na Universidade da Geórgia, Athens –, a sua referência é a edição póstuma dos *Ensaaios*, a qual possibilita o acesso ao conjunto completo dos vários ensaios redigidos e revisados por David Hume entre 1742 e 1776. Assim, no primeiro grupo de ensaios, encontram-se os publicados em 1742, nos quais há uma predominância dos assuntos políticos e literários; no segundo grupo estão os disponibilizados em 1752, em que são acrescentados aos demais temas textos relativos à economia.

Na terceira parte, a presente versão dos *Ensaaios* também traz, como acréscimo, os textos que Hume havia publicado nas edições anteriores à sua morte, em 1776. Estes, em sua maioria, tratam de temas variados da vida comum, tais como: amor e casamento, comportamento das mulheres, modéstia, dentre outros. Nessa perspectiva, esta referida versão garante o acesso à totalidade de textos elaborados por Hume, respeitando-lhe a vontade própria, na medida em que se faz uma separação organizada e clara do indicado para a publicação final, em 1777, daqueles que foram restringidos ou não publicados.

Deve-se louvar também o trabalho de Miller no que se refere à elaboração das notas críticas, comentários e indicações de bibliografia, conforme os assuntos e polêmicas levantados por Hume e pelos estudiosos de sua filosofia, muito embora o referido editor não ofereça nas notas a distinção entre as elaboradas por ele e aquelas acrescentadas por Hume.

Também considera-se louvável, nesta edição preparada por Miller, o acréscimo da autobiografia de Hume, intitulada *A vida de David Hume, escrita pelo próprio*, e da carta emocionada de Adam Smith a William Straham, datada de 9 de novembro de 1776, informando-o da morte de seu amigo Hume.

No que se refere ao conteúdo da obra, cabe ressaltar que, embora o seu título expresse três gêneros, a saber: políticos, econômicos e literários, os ensaios são mais abrangentes e abordam também questões de economia, história e diversos assuntos observados na vida cotidiana que não detalharemos nesta resenha.

Nos ensaios políticos, que predominam na obra e demarcam o interesse de Hume por questões de filosofia prática, são detalhadas algumas posições tomadas no *Tratado* acerca da origem do governo, da obediência civil e do cumprimento de promessas, estabelecendo uma forte e incisiva crítica ao contratualismo, bem como a discussão de assuntos pertinentes à sua época, demonstrando a sua constante, atenta e abrangente visão do cenário político europeu e da história, filosofia e literatura em geral.

Nos ensaios literários, a posição de Hume é semelhante à moral, visto que a fonte do gosto encontra-se no sentimento de prazer ou dor que um determinado evento pode causar a um observador, proporcionando-lhe paixões calmas ou violentas. Assim, para Hume, o refinamento do gosto ou o senso de beleza ou fealdade, numa obra de arte e literária, também é uma paixão do tipo calma, que não causa qualquer tipo de agitação na mente do observador e do agente, conduzindo-os ao deleite da obra contemplada.

Quanto aos ensaios morais, há que se ressaltar certa dificuldade em delimitá-los nesta obra de Hume. Por isso, o meio mais adequado de encontrá-los é pela distinção dentre os outros. Nesse sentido, todos aqueles que não se enquadram como políticos ou literários encaixam-se bem na condição de morais.

De modo geral, pode-se apontar que a marca geral dos ensaios está na contínua tentativa de Hume em manter firme seu propósito de introduzir nos assuntos morais o método experimental de raciocínio e de tornar a filosofia inserida profundamente no cotidiano humano, o que impediria, em sua visão, que qualquer reflexão mais meditada ou ceticismo radical e extremo viesse a predominar.

Portanto, fica o convite e a recomendação para que o leitor mergulhe e deleite-se com a clareza e refinamento destes *Ensaio*s escritos por Hume e possa, de forma mais completa, ampla e profunda, dar a esta abordagem dos fatos humanos o valor que ela mereceu e merece.